

Castelo inaugura a Bienal dizendo que a arte serve à paz

São Paulo (Sucursal) — Mil quinhentas pessoas, aproximadamente, viram ontem o Presidente Castelo Branco inaugurar a VIII Bienal de São Paulo, às 11 horas, e ouviram dele que "arte e a democracia servem à paz entre os povos". O Governador Ademar de Barros, o Prefeito Faria Lima, o Chanceler Vasco Leites da Cunha e o Ministro Figueiredo Figueiredo, entre outras autoridades, compareceram também à inauguração.

Durante sua curta permanência em São Paulo, o Presidente Castelo Branco visitou ainda o Hospital do Câncer e Amourei na casa do General Amauri Krulz, acompanhada pelo Governador, Prefeito e Ministro das Relações Exteriores. Na Bienal, onde permaneceu durante uma hora, o Presidente só entregou prêmios aos Embaixadores da França e da Itália, representantes de Victor Vasarely e Alberto Burri, os grandes premiados.

O CUIDADO

As 10h15m, tudo já estava completo no Salão, guelras distribuídas com dois a cada três metros, e dezenas de agentes do Departamento de Ordem Política e Social. A TV Excelsior montou um Salão dos Homenageados, para ridicularizar a Bienal, e Pagano Sobrinho foi o entrevistador.

Com monitoras chegaram um pouco depois e ficaram esperando o Marechal Castelo Branco para a inauguração. O Presidente chegou, pontualmente, às 11 horas. Quando se aproximava, acompanhado pelos Generais Amauri Krulz, Ernesto Geisel e Alvaro Alves da Silva Braga e pelo Brigadeiro Agenor Alves dos Santos, foi aplaudido e a Banda da Guarda Civil tocou o Hino Nacional.

As 11h05m, o Marechal saudou os dois dragões da Nova Pública e, acompanhado pelos três Generais, pelo Governador Ademar de Barros, Prefeito Faria Lima, Chanceler Leites da Cunha, Ministro Suplicy de Lacerda, Vice-Governador Laudo Natel, Deputados Cunha Bueno, Biota Jr. e Cândido Sampaio e Vereador Manoel de Figueiredo Ferraz, entrou no auditório, sendo aplaudido de pé pela assistência. Sentaram-se 13 a mesa, com o Marechal Castelo Branco de termo e colete cinza e gravata preta, no centro. Na assistência, de pé, por causa da confusão, o Embaixador Lincoln Gordon.

OS DISCURSOS ESTRANGEIROS

O primeiro a falar foi o Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, Presidente da Fundação Bienal de São Paulo. Falou em português, mas poucos entenderam: ele tem forte sotaque italiano e o serviço de interpretação estava precário. Durante o discurso, o Governador Ademar de Barros tentou conversar com o Marechal Castelo, sem conseguir. Entre as autoridades e os assistentes, dezenas de fotógrafos scindiam flashes sem parar. Os policiais e membros da comitiva e os que não conseguiram sentar e ficaram encostados às esculturas e quadros aumentaram a confusão. O Presidente não chegou a ouvir o discurso e, por isso, não sabe que o Sr. Matarazzo Sobrinho o considera um homem de cultura e sensibilidade artística. Também não ouviu o resto: "A Bienal é o momento mais moderno da evolução das artes plásticas. Muito representa para a esperança, afirmação e realização do artista".

Depois do discurso de Francisco Matarazzo Sobrinho, fa-

lou o comissário francês Jacques Lassaigne, Presidente do Júri. O discurso foi em francês e Lassaigne disse que esteve na I Bienal e chegou a prometer que seria a obra de arte não tem fronteiras e é apreciada em todos os lugares. Logo que ele acabou de falar, o Presidente Castelo levantou-se, com três pequenas folhas manuscritas na mão.

O DISCURSO DE CASTELO

O Marechal disse haver reconhecimento do Governo Federal aos esforços que realizaram na Bienal de São Paulo, "um empreendimento artístico que repercute em todo o País e no mundo".

Essa Bienal — proseguiu o Presidente — é mais uma conquista do vigor de São Paulo, que se desdobra em todos os setores da atividade humana. Foi uma feliz coincidência a Bienal ter sido aberta quando se inicia em São Domingos o Governo que, vai restabelecer a democracia dominicana. Saudamos todos a arte, que não deve ter fronteiras, e a democracia, que não deve ter limites. Arte e democracia colaboram para a paz entre os povos. A Revolução brasileira encontra na Bienal uma atividade cultural que lhe compete estimular. Declaro inaugurada a VIII Bienal de São Paulo.

MEDALHAS PICAM DE FORA

D. Diniz Lopes Coelho, Comissário da Bienal, anunciou ao microfone que, por falta de tempo, só seriam entregues os dois prêmios principais e lidos os nomes dos outros premiados, que receberiam os prêmios na Secretaria. Muitos afirmaram no salão que o que houve não foi falta de tempo; foi falta de medalhas.

O Presidente Castelo Branco entregou primeiro o prêmio

do italiano Alberto Burri ao Embaixador da Itália, e com ele conversou uns 40 segundos. Depois o Embaixador francês recebeu o prêmio de Vasarely. O Marechal cumprimentou-o e conversou com ele também.

Enquanto era lida a lista de premiados, o Marechal tirou e pôs os óculos várias vezes. O Sr. Ademar de Barros cruzou as mãos na barriga e não bateu palmas para ninguém. O Marechal Castelo Branco falou muito com o Sr. Vasco Leites da Cunha, que estava à sua direita. O Governador três vezes puxou conversa, mas não conseguiu falar com o Presidente.

Após a leitura, foram entregues ao Marechal selos comemorativos da Bienal e com o carimbo do DCT. Depois o Presidente Castelo Branco, o Governador Ademar de Barros e o Chanceler Vasco Leites da Cunha ganharam envelopes selados, já carimbados. A seguir, o Marechal recebeu um símbolo da Bienal em ouro.

BONOMI PEDE POR SCHEMBERG

Quando o Presidente Castelo Branco se preparava para iniciar a visita aos quadros, dois dos artistas premiados, Maria Bonomi e Sérgio Camargo, entregaram-lhe um manifesto, assinado por artistas e críticos, pedindo a revogação da prisão preventiva do Professor Mário Schemberg e de outros cateterizados da Universidade de São Paulo.

O Presidente Castelo Branco falou, aproximadamente, quatro minutos com os artistas e foi convidado por Maria Bonomi a assistir, de 7. Mezeres Demada, de Shakespeare. Prometeu ler o manifesto, que diz o seguinte:

"Sr. Presidente da República,

Artistas, críticos, intelectuais brasileiros e participantes dessa grande iniciativa cultural, hoje de âmbito mundial, que é a Bienal de São Paulo, congratulam-se com a Presença de V. Exa. aqui neste salão, e pedem venia para fazer ao Presidente Castelo Branco o seguinte apelo:

— Sustar, por sua intervenção, a efetivação da prisão preventiva, que acaba de ser decretada pela Auditoria de São Paulo, contra o Professor Mário Schemberg, depois de ter o Supremo Tribunal Militar declarado insubsistente, por falta de fundamento jurídico, a acusação que contra ele foi levantada, bem como contra seus colegas universitários, professores Fernando Henriques Cardoso, Cruz Costa, Florestan Fernandes.

O Professor Mário Schemberg, além de físico de renome mundial, tem parte ativa na vida artística do Brasil, como um dos seus críticos mais eminentes, tendo participado do Júri de seleção desta bienal.

Os abaixo assinados cumprimentam respeitosamente o Presidente da República".

A VISITA AOS QUADROS

O Marechal Castelo Branco visitou as obras com o crítico Paulo Mendes de Almeida, encarregado de explicá-las. Sua guarda pessoal foi afastada do povo, todo mundo querendo ficar perto do Presidente Castelo, que foi o primeiro a sair da sala da Itália, viu um nu do escultor Péricles Fazzini, uma bailarina com seios e cabelos ao vento, e comentou: "vento forte, não?" Foi depois à sala da França, sendo recebido pelo Comissário Jacques Lassaigne. O Presidente comentou com os críticos a diferença entre a pintura ótica e geométrica de Vasarely e a

mais vigorosa, telúrica, de Burri.

A seguir, o Presidente subiu ao terceiro andar. A imprensa foi barrada pelos agentes de segurança — um dos quais bebado — e não pôde subir. Houve então várias reclamações e a lembrança de que a imprensa nunca pode trabalhar quando o Marechal vem a São Paulo, pois a sua guarda pessoal não deixa. O Embaixador Lincoln Gordon foi barrado, o Vice-Governador Laudo Natel, o Secretário do Turismo, Deputado Biota Jr., e o Presidente da Fundação Bienal de São Paulo também não puderam subir. Sobreviu apenas que o Presidente Castelo gostou muito da Exposição de Artes Plásticas e da sala especial de surrealismo e arte fantástica. O Presidente voltou pela rampa e falou com uma velha, que veio pedir emprego. A seguir, veio um representante dos ex-combatentes, Sr. Francisco dos Santos, que pediu providências para melhorar a vida da classe.

No térreo, o Marechal viu as obras dos artistas brasileiros, e ficou demoradamente em frente a um painel de Clecio Dias, que lhe foi apresentado. Passou em frente a Pop-Art de Quissac, olhou indiferentemente e foi para a sala dos premiados. Maria Bonomi quis explicar-lhe seu trabalho, o Presidente não percebeu interesse e logo foi embora.

Antes de sair, um estudante cearense aproximou-se e cumprimentou-o, em nome do Ceará, desejando-lhe ainda boa administração. Na saída, entre Cunha Bueno e Matarazzo Sobrinho, o Presidente ouviu o Expediente, Finalmente, tomou o Cadillac oficial e foi embora na casa do General Krulz.

Contribuição estrangeira na Bienal

Harry Laus

